

Cardoso diz que País vai mudar sua face

José Paulo Lacerda/AE

Na sua última entrevista em Washington, ministro afirma que inflação é "preocupação obsessiva"

FABIO PAHIM JUNIOR
e MARTA SALOMON

O ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, afirmou ontem que "o Brasil pode, deve e vai mudar sua face neste momento", em sua última entrevista em *Washington*, após participar da 48ª Reunião Anual do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial. "Por que não o fez até agora?", indagou. "Essa pergunta deve ser respondida pelos brasileiros." E acrescentou: "A inflação é minha preocupação obsessiva."

Cardoso encontrou-se ontem com o vice-presidente norte-americano, Al Gore, e com o assessor especial da Casa Branca para assuntos do Conselho de Segurança Nacional, Richard Feinberg. Com Gore, falou das relações entre o meio ambiente, a pobreza e o crescimento econômico. "Não é fácil manter a democracia sem prosperidade", comentou.

"O programa econômico terá apoio", afirmou Cardoso. "Não vim aqui pedir apoio externo, eles entendem que temos vontade política de mudar." E previu mudanças para daqui a dois meses.

"Quando tivermos implementado nosso programa, esse apoio existirá." Dos dois principais temas brasileiros — dívida externa e finanças públicas —, um deles interessa a bancos credores e agências multilaterais. "Mas o financiamento é questão nossa, o problema não é a dívida", disse. "O que nos preocupa tampouco são as reformas econômicas, mas sim a inflação, porque desestabiliza o povo, é uma questão social", acrescentou.

"Uma economia estabilizada atrairá mais recursos e permitirá o combate aos desequilíbrios so-



Cardoso: "Não é fácil manter a democracia sem prosperidade"

○ MINISTRO
GARANTIU
QUE O
PROGRAMA
ECONÔMICO
TERÁ
APOIO

ciais." Cardoso rejeitou a hipótese de que não haja apoio político a um programa antiinflacionário e a um ajuste fiscal da ordem de 6% do PIB. "Sofro pressão para mudar logo, da imprensa, do meu partido, dos colegas do Ministério", queixou-se, observando que as pessoas tiram proveito da inflação só até

certo ponto. "Ela passa a ser um perigo muito grande, estamos chegando ao ponto de não retorno."

O ministro disse que "não se orienta" para ser candidato. "Se o presidente achar que convém, eu fico até o fim do governo." Disse não ser salvador da pátria, mas observou que ficaria muito feliz em ajudar o País a sair da crise.

O ministro afirmou ainda: "Não dá para cortar despesas, cortar juros, aumentar receitas e combater a inflação simultaneamente", ponderou. "Isto é uma miragem que não existe."

Em *Brasília*, a proposta de Cardoso de promover um corte de US\$ 25 bilhões no orçamento do próximo ano foi recebida com duras críticas no Congresso. "O governo não tem base política que dê sustentação para isso", calculou o líder do governo na Câmara, Roberto Freire (PPS-PE). O deputado considerou "estranho" o anúncio de cortes feito por Cardoso em Washington e adiantou: "Isso não passa aqui."

Na avaliação de líderes partidários, o ponto mais difícil da proposta apresentada pelo ministro ao FMI é a suspensão do repasse do Fundo de Participação dos Estados e municípios, que consome US\$ 15 bilhões do orçamento fiscal. "É quase impossível aprovar uma emenda constitucional para suspender os repasses aos Estados e municípios", avaliou o líder da maior bancada de aliados do Planalto, deputado Genebaldo Correia (PMDB-BA). "O governo não consegue cortar sem dar outra coisa em troca", disse. Mas admitiu discutir o cancelamento das transferências voluntárias para Estados e municípios, cuja dotação é inferior a US\$ 2 bilhões.